

Cultural

N.º 5 - MAI/96



4

RECORDAR CULTURA – SESIMBRA/95  
Odete Graça

5

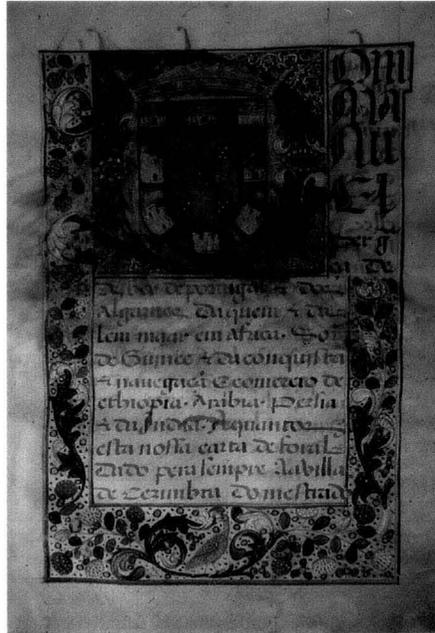
EDITORIAL  
Odete Graça

6

O BRONZE FINAL DA BAIXA  
ESTREMADURA E AS CERÂMICAS  
DE ORNATOS BRUNIDOS DA LAPA  
DO FUMO (SESIMBRA)  
João Luís Cardoso

15

CAMPANHAS OCEANOGRÁFICAS  
DE D. CARLOS DE BRAGANÇA  
– INVESTIGAÇÕES SOBRE  
AS PESCAS  
Paula Leandro



24

DA CARTA DE FORO DE D. SANCHO I  
AO FORAL DE D. MANUEL  
CONTRIBUTO PARA O  
RECONHECIMENTO DO PROCESSO  
HISTÓRICO DE SESIMBRA  
Manuela Mendonça

27

PINTURAS QUINHENTISTAS DO  
SANTUÁRIO DO CABO ESPICHEL  
Fernando António Baptista

18

O CÃO DE ÁGUA EM SESIMBRA  
António Reis Marques

29

SESIMBRA INTEGRA SUPER-  
GEMINAÇÃO EUROPEIA –  
DOUZELAGE: A EUROPA DAS VILAS  
Adelaide Coelho

21

ALGUMAS CERÂMICAS  
MUÇULMANAS DA LAPA DO FUMO  
(SESIMBRA)  
A. Rafael Carvalho, Isabel Cristina Fernandes

33

SESIMBRA – TRADIÇÃO POÉTICA  
Deolinda Saraiva

## FICHA TÉCNICA

**Título:**

Sesimbra Cultural

**Ano 6; n.º 5, Maio de 1996**

**Edição e Propriedade:**

Câmara Municipal de Sesimbra

**Redacção e Administração:**

Largo Luís de Camões  
2970 SESIMBRA  
Tel. 223 38 55  
Telex: 18 720 ZAMBRA P  
Telefax: 223 28 62

**Direcção:**

Esequiel Lino e Odete Graça

**Coordenação:**

Luísa Carvalho e Fernanda Rodrigues

**Conselho de Redacção:**

Odete Graça, Luísa Carvalho,  
Fernanda Rodrigues e João Pinhal

**Grafismo e capa:**

João Pereira

**Fotografia:**

Rui João Rodrigues

**Colaboraram neste número:**

Adelaide Coelho  
António Reis Marques  
A. Rafael Carvalho  
Deolinda Saraiva  
Fernando António Baptista  
Isabel Cristina Fernandes  
João Luís Cardoso  
Manuela Mendonça  
Paula Leandro  
Odete Graça

**Impressão**

**e Fotocomposição:**  
Armazém de Papéis do Sado, Lda

**Depósito Legal: 25393/89**  
**I.S.S.N.: 0871-9160**

**Tiragem:** 2000 exemplares

**Periodicidade:** Anual

**P.V.P.:** 600\$00

**Nota** – Os artigos que integram a revista são da responsabilidade dos respectivos autores.

# O BRONZE FINAL DA BAIXA ESTREMADURA E AS CERÂMICAS DE ORNATOS BRUNIDOS DA LAPA DO FUMO (SESIMBRA)

JOÃO LUÍS CARDOSO\*

## 1 – ENQUADRAMENTO REGIONAL, RECURSOS E ACTIVIDADES ECONÓMICAS

A etapa cultural correspondente ao Bronze Final abarca, na Estremadura portuguesa, o último quartel do segundo milénio a.C. e o primeiro do milénio seguinte.

Na baixa Estremadura, mercê de condições propícias à fixação humana, são abundantes os testemunhos, denunciando denso povoamento, conquanto disperso, que então caracterizou a região. Tal situação demográfica tem antecedentes no final do Calcolítico, época em que aqui se multiplicam pequenos povoados abertos.

Porém, desconhecemos se no Bronze inicial e pleno tal modelo de povoamento se manteve; certamente que os sítios de altura continuaram a ser procurados por populações fortemente influenciadas por elementos do Bronze II do Sudoeste, como se evidencia pelos materiais recolhidos em Catujal – Loures, pronunciado promontório calcário dominando o estuário do Tejo (CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994). A datação ali obtida, indica o primeiro quartel do segundo milénio a.C. – ICEN 843 – 3570 (+/-) 45 BP, data que, para um nível de confiança de dois **sigma**, corresponde ao intervalo de 2028–1752 Cal. AC). Aliás, a existência na Estremadura de influências culturais, ao nível da cerâmica, do Bronze II do Sudoeste, eram já conhecidas (SCHUBART, 1971; JORGE, 1990, p. 233). Se pode ser surpreendente datação tão recuada, ela encontra-se confirmada por outras recentemente obtidas para a necrópole do Pomar – Ervidel, Beja, as quais “resultam incompreensíveis dentro de la explicación tradicional del “Bronce del Sudoeste” (BARCELÓ, 1991, p. 21,22), no qual aquele arqueossítio se inscreve. Outras datações, igualmente compatíveis, podem consultar-se em recente estudo de síntese, dedicado à Idade do Bronze do Sudoeste (SOARES & SILVA, 1995). Clima ameno, excelente insolação, solos férteis, particularmente os correspondentes ao Complexo Basáltico de Lisboa, cujos afloramentos ocupam boa parte da área em causa, e abundância de água explicam o sucesso da fixação sedentária aqui verificada no Bronze Final. Não menos importante que as referidas, é de salientar a excelente posição geográfica deste território, entre o Sul

e o Norte, dominando a primordial via de penetração para o interior que é o curso do Tejo, favorável ao acesso, exploração e escoamento das riquezas minerais ali existentes (estanho e ouro, especialmente) e o do Sado, por onde circulariam os produtos da exploração mineira, designadamente o ouro, a prata e o cobre existentes na zona de enriquecimento supergênico dos “chapéus de ferro” pontuando a faixa piritosa, de Ferreira do Alentejo a Alcoutim; deste ponto de vista, não se poderia pretender melhor situação estratégica, aliás já devidamente valorizada (KALB, 1980). Razões favoráveis de ordem local e regional foram, pois, determinantes na aludida densidade populacional, justificando comunidades cujo poder económico possibilitaria a compra de artefactos de bronze, oriundos de comércio trans-regional, ou fabricados “in loco” com próprio minério que aqui afluía. Um dos exemplos mais expressivos é o molde de foices do Casal de Rocanes – Cacém, Sintra (FONTES, 1916). Não espanta, pois, entrevermos nos numerosos “casais agrícolas”, na adequada designação de MARQUES & ANDRADE (1974), implantados em encostas suaves, especialmente na zona imediatamente a norte do Tejo, onde os solos são muito mais férteis do que os da margem sul, uma laboriosa população agrária, voltada para o cultivo intensivo e extensivo da terra. Prova disso são os elementos de foice denticulados de sílex, por vezes recolhidos às centenas, como na Tapada da Ajuda, o único arqueossítio satisfatoriamente conhecido desta região os quais, pela sua eficiência e baixo custo, substituiriam sem grande perda de funcionalidade as foices metálicas do tipo “Rocanes”. Destas, conhece-se um exemplar encontrado no concelho de Sesimbra, em Alfarim, cerca de 5 km a Norte da Lapa do Fumo (SERRÃO, 1966). Os escassos elementos disponíveis sobre as bases económicas e de subsistência das populações que pacificamente habitavam estes pequenos povoados ou casais agrícolas – de que apenas dispomos de elementos concretos para a Tapada da Ajuda – para além dos cereais e culturas hortícolas, consistiam no pastoreio: por ordem de importância alimentar bovinos, ovinos e caprinos, e suínos, sendo a caça excepcional (veado e coelho); a recollecção de moluscos e a pesca, no estuário adjacente, complementavam a dita dieta, evidenciando a estreita relação mantida com o litoral.

A cronologia absoluta da referida jazida – o único contexto habitacional desta época até ao presente datado – encontra-se bem definida pelas cinco datações radiocarbónicas efectuadas no INETI-ICEN, a que correspondem as seguintes datas calibradas médias: 1263, 1235, 1365, 1269 e 1222 cal. AC (CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994). Estamos, por conseguinte, em momento precoce do Bronze Final; assim se compreende que, deste contexto, estejam ausentes as cerâmicas de ornatos brunidos, as quais surjem, em especial, em povoados de altura, como o Castelo dos Mouros – Sintra (CARDOSO, em preparação) e o Cabeço dos Moinhos – Mafra (VINCENTE & ANDRADE, 1971). De facto, a possibilidade da intensificação da ocupação de sítios de cumeada, por populações portadoras de tais cerâmicas foi antes sugerida (JORGE, 1990), mas apenas sugerida, por faltarem elementos que só através de escavações metódicas poderiam ser obtidos (CARDOSO, 1995b).

## 2 – AS CERÂMICAS DE ORNATOS BRUNIDOS, SUAS CARACTERÍSTICAS

Deve-se a E. da Cunha Serrão o primeiro e mais decisivo contributo para o conhecimento destas cerâmicas, até então apenas referidas em Mesas de Asta (Jerez), onde foram designadas por cerâmicas com decoração “reticulada” (GUERRERO, 1945, Lám. 8) e atribuídas ao início da Idade do Bronze. Entre 1958 e 1978, E. da Cunha Serrão, que aparentemente desconhecia o referido trabalho, dedicou parte importante da sua actividade como arqueólogo à caracterização de um grupo de cerâmicas de características idênticas, que ele próprio exumou na Lapa do Fumo, cavidade natural situada nos calcários do Jurássico dominando, de 190 m da altitude, a escarpada encosta meridional do prolongamento ocidental do maciço da Arrábida, cerca de 3km a WSW de Sesimbra (SERRÃO, 1958, 1959, 1960, 1962, 1964, 1968, 1970, 1975, 1978).

Tais materiais conservam-se no Museu Arqueológico Municipal de Sesimbra; a sua observação esteve na origem deste estudo.

A exploração metódica da cavidade, iniciada em 1957, prolongou-se, embora intermitentemente, pelos anos seguintes. As observações estratigráficas



Fig. 1 – Vista do exterior da Lapa do Fumo. Fotos C.M.S.



Fig. 2 – Vista do interior da Lapa do Fumo. Fotos C.M.S.

então efectuadas, conquanto com limitações reconhecidas pelo escavador, permitiram, desde logo, situar tais cerâmicas com maior probabilidade na Idade do Bronze (SERRÃO, 1959, p. 343, 344). A importância desta descoberta justificou, imediata difusão internacional em revista adequada (SERRÃO, 1958).

Os fragmentos exumados na Lapa do Fumo são, na larga maioria, de diminutas dimensões, impossibilitando a reconstituição exacta dos recipientes, especialmente dos maiores. Trata-se de vasos de aprovisionamento, em geral de bojos bastante pronunciados e abertura larga, ou com carenas altas, isolando, por vezes de maneira pouco acentuada, bocais cilíndricos. Os fundos são planos. Possuem bons paralelos no sepulcro da Roça do Casal do Meio, situado nas vizinhas terras do Calhariz, a Oeste de Sesimbra (SPINDLER et al., 1973/74, fig. 11). Os recipientes de pequenas dimensões correspondem,

sobretudo, a taças carenadas, com bons paralelos no povoado de altura do Cabeço dos Moinhos – Mafra (VINCENTE & ANDRADE, 1971). Uma forma muito rara é a de recipiente constituído por duas taças carenadas geminadas, cujo paralelo mais próximo provém do povoado do Bronze Final de Senhora da Guia – Baiões (SILVA, Fig. 4, n.º 16; FABIÃO, 1993, p. 94). Recentemente, CARREIRA (1994, Fig. 7, n.ºs 2 a 4; Fig. 8, n.ºs 1 e 2) publicou alguns exemplares da Lapa do Fumo, conservados na colecção de G. Marques (Lisboa), idênticos aos estudados agora.

As pastas cerâmicas são predominantemente de textura fina a média, raramente grosseiras nos recipientes maiores. Como elementos não plásticos, avultam grãos de quartzo e de feldspato; excepcionalmente, ocorre a moscovite. Predominam cores negras no núcleo e castanho-chocolate ou negras nas superfícies interna e externa.

Contudo, o elemento mais característico é a decoração. A técnica utilizada foi correctamente descrita, logo nos primeiros estudos (SERRÃO, 1958, 1959); consistiu na aplicação de uma ponta romba sobre a superfície externa dos recipientes, depois de secas (talvez após uma pré-cozedura, como certas cerâmicas artesanais do Norte de Portugal), mas seguramente antes da cozedura final, produzindo-se assim pequenos sulcos, com brilho mais acentuado e de coloração mais escura do que a superfície primitiva sobre a qual foram efectuados. Assim, por exemplo, se a colocação da superfície primitiva se apresenta cinzenta, os sulcos produzidos são negros; se é castanho-clara, os sulcos apresentam-se castanho-escuros. As próprias superfícies eram previamente preparadas, através de cuidadoso alisamento e brunimento, recorrendo-se por vezes a seixos, cujas marcas são particularmente evidentes nos recipientes mais finos.

As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo, o primeiro e mais significativo conjunto até ao presente conhecido em Portugal, seriam, assim, expressão material do equivalente cultural estretenho do período proto-orientalizante da Andaluzia.

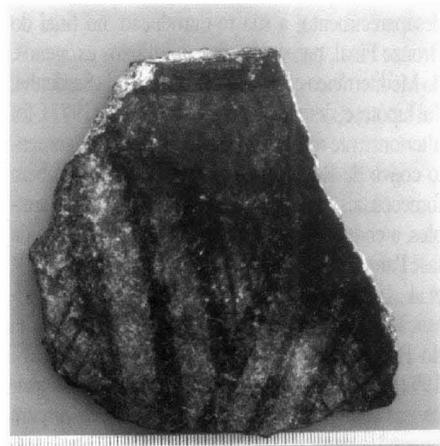


Fig. 3



Fig. 4

Figs. 3 e 4 – Exemplares de cerâmicas com ornatos brunidos. Em cima, grande vaso de armazenamento de colo carenado. Em baixo, bordo de recipiente de colo alto e cilíndrico.

Qual o significado paleontológico da ocorrência de tais cerâmicas nesta gruta natural? Julgamos que a hipótese mais provável é a de lhes atribuir um significado ritual, correspondendo a deposições em santuário rupestre (CARDOSO, 1995a). Com efeito, tal hipótese parece ser a mais adequada aos elementos recolhidos, onde abundam tais fragmentos em detrimento de restos humanos, tornando pouco credível hipótese alternativa, a de corresponderem a oferendas fúnebres. Em outras grutas naturais da região, como a do Correio-Mor – Loures (CARDOSO et al., em publicação), é também esta a situação observada: aos abundantes fragmentos de cerâmicas de ornatos brunidos, contrapõe-se ausência de materiais antropológicos, afastando a hipótese de se tratar de necrópole, a menos que estas fossem de incineração, em urna, hipótese que, embora carecendo de demonstração, não é de todo impossível.

### 3 – CRONOLOGIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

Tem-se discutido sobre a origem destas cerâmicas estremenhas com ornatos brunidos. Não obstante se conhecer tal técnica decorativa no Calcolítico inicial da Estremadura, no decurso das suas fases média e final, aquela entra em declínio até ao seu total desaparecimento; a sua re-introdução, no final do Bronze Final, parece dever-se a influxos exógenos, do Mediterrâneo central, especialmente da Sardenha. Tal hipótese, defendida por SCHUBART (1971), foi ulteriormente reforçada pela recolha, no monumento coevo da Roça do Casal do Meio, que também forneceu tais cerâmicas, de uma fíbula de espiral simples, atendendo a que tal modelo é característico da fase Pantalica II, dos séculos XI–X a.C. (SPINDLER et al., 1973/74). Actualmente, é incontroversa a atribuição crono-cultural de tais cerâmicas a fase tardia do Bronze Final (CARDOSO, 1990; GOMES, 1992), cujo uso se prolongou até à chegada das primeiras cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a partir do século VIII a.C..

Deste modo, teríamos que, a uma fase inicial do Bronze Final representada pelo povoado da Tapada da Ajuda, se sucederia uma outra, caracterizada pela presença destas cerâmicas de ornatos brunidos. Tal sequência tem, aliás, equivalente na Andaluzia, apesar de ali as decorações se apresentarem, ao contrário das peças portuguesas, do lado interno dos recipientes (TEJERA – GASPAS, 1980; BELÉN et al., 1982). Esta diferença, não dispicienda, leva-nos a considerar os exemplares portugueses como integrando um “círculo cultural” específico ditado por condicionantes económicas e sociais também particulares, subjacentes à referida realidade material.

Quais as características da formação económico-social do Bronze Final da Estremadura que presidiram, em época de marcadas especificidades regionais, à emergência deste novo tipo cerâmico?

No Bronze Final, a dicotomia entre povoados ou “casais agrícolas” de encosta e povoados de altura foi antes salientada (CARDOSO, 1987, 1990, 1994). Na região onde se implanta a Lapa do Fumo, conhecem-se dois povoados de altura que fornece-

ram exemplares deste tipo cerâmico; um – o Castelo dos Mouros – situa-se cerca de 16 km a ENE, em plena serra da Arrábida (SILVA & SOARES, 1986). O outro, é o castro de Chibanes, a 24,4 km a NE. Tais povoados, com boas condições naturais de defesa, no último sublinhadas pela construção de fortificação, não têm, até ao presente equivalente em aglomerados de carácter agrícola, como os que se dispersam a norte do estuário do Tejo. Além disso, situam-se demasiado longe da Lapa do Fumo para que com ela possam ser directamente relacionados. A explicação de tal coexistência residirá na crescente hierarquização social que caracterizou a evolução da sociedade no decurso do Bronze Final. Assim sendo, os locais naturalmente defendidos abrigariam a “elite” detentora do poder sobre determinado território, configurando embrião de administração proto-estatal. Trata-se, afinal, de “modelo” preconizado, na mesma época, para a região alentejana, ao admitir-se que o desenvolvimento de povoados de altura “como centros – políticos e económicos – de uma população dispersa em pequenos povoados nos arredores, parece ter-se dado, no entanto, no final da Idade do Bronze” (PARREIRA, 1983, p. 167). A figura do “chefe” seria, agora, incontornável, podendo, mesmo, ser objecto de heroização, para o final do Bronze Final (assim o indica as estrelas funerárias estremenhas). Porém, ao nível da cultura material, e designadamente do espólio cerâmico, tal evolução social está longe de se encontrar confirmada. A já aludida ausência de escavações sistemáticas, impede que conheçamos em detalhe o espectro tipológico dos recipientes de arqueossítios dos dois tipos de referidos. As comparações entre tais conjuntos, seriam certamente interessantes no reconhecimento de comunidades, sendo certo que os pequenos povoados abertos corresponderiam a formas especializadas de exploração – no caso, as culturas cerealíferas – “coordenados por normas emanadas de “lugares centrais” (JORGE, 1990, p. 251), onde a tipologia da cerâmica utilizada, talvez revele, quando se dispuserem de conjuntos representativos, hábitos de comunidades socialmente distintas das anteriores. Esta é, quanto a nós, a prioridade que deveria ser adoptada no estudo do Bronze Final da região que nos ocupa: a escavação criteriosa de povoados característicos de um e outro tipo, sucedida da análise metódica dos materiais exumados, única forma de se ultrapassarem as grandes lacunas de conhecimentos com que presentemente nos defrontamos, tendo em vista a reconstituição de modo integrado, da formação económico-social correspondente ao Bronze Final da baixa Estremadura. Trata-se, afinal, da caracterização de uma época das mais notáveis em transformações culturais de toda a nossa Pré-história, decorrentes em parte da chegada dos primeiros influxos orientalizantes, cujo impacto na sociedade pré-existente estão, igualmente, longe de suficientemente conhecidos.

#### Agradecimentos

A Divisão Sócio-Cultural da Câmara Municipal de Sesimbra e ao Sr. João Pinhal, responsá-

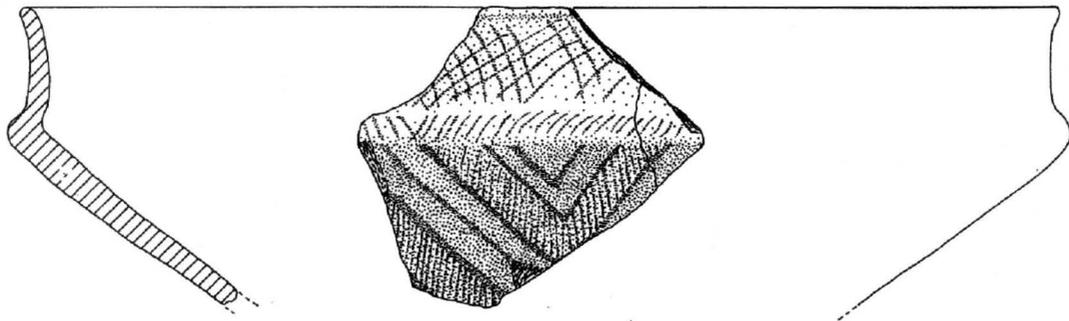
vel pelo Museu Municipal de Sesimbra, pelas facilidades concedidas no acesso aos materiais estudados.

\* Prof. de Universidade Nova de Lisboa. Arqueólogo. Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnologia de Setúbal.

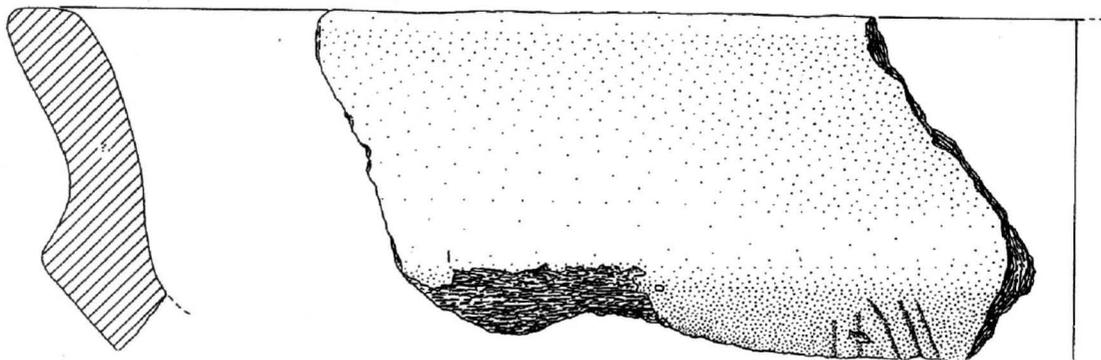
#### Bibliografia

- BARCELÓ, J. A. (1991) – El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas. *Arqueologia*, 21, p.15-24.
- BELÉN, M.; AMO, M. del & FERNANDEZ-MIRANDA, M. (1982) – Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX–VI a.C.. *Huelva Arqueologica*, 6, p. 21-39.
- CARDOSO, J. L. (1987) – No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. In “*Arqueologia do vale do Tejo*”, p. 69-81. Lisboa, IPPC-DA.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Do Paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan*, 2.ª Série, 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. *Catálogo da Exposição A Idade do Bronze em Portugal*, p. 88. Instituto Português de Museus, Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1995b) – Os povoados do Bronze Final a norte do estuário do Tejo. *Catálogo da Exposição A Idade do Bronze em Portugal*, p. 126. Instituto Português de Museus, Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (em publicação) – Cerâmicas do Bronze Final da gruta do Correio Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l’Age du Fer dans la région riveraine de l’estuaire du Tage. *Mediterráneo*, 2, p. 193-206.
- CARREIRA, J. ROQUE (1994) – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144.
- FABIÃO, C. (1993) – O passado proto-histórico e romano. In *História de Portugal* (dir. José Mattoso), 1 – Antes de Portugal, p. 79 e seg. Lisboa, Editorial Estampa.
- FONTES, J. (1916) – Sur un moule pour faucilles de bronze du Casal de Rocanes. *O Archeologo Português*, 21, p. 337-342.
- GUERRERO, M. E. (1945) – Excavaciones de Asta Regia (Mesas de Asta, Jerez). Campaña de 1942-43. *Acta Arqueologica Hispanica*, 3, 67, p. Madrid.
- GOMES, M. Varela (1992) – Proto-história do Sul de Portugal. In *Proto-história de Portugal*. Lisboa, Universidade Aberta, 48, p. 99 – 185.
- JORGE, S. O. (1990) – Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. In *Nova História de Portugal* (dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), 1 – Portugal. Das Origens à Romanização. Lisboa, Editorial Presença, p. 213-251.
- KALB, P. (1980) – O “Bronze Atlântico” em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1, Guimarães, Soc. Martins Sarmento, p. 113-120.

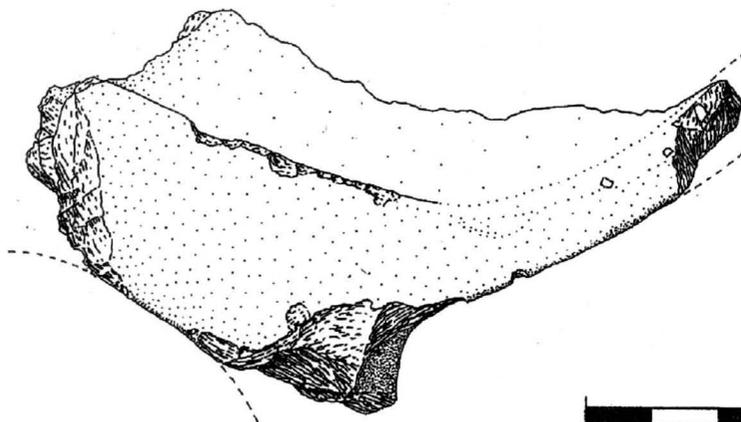
- MARQUES, G. & ANDRADE, G. M. (1974) – Aspectos da proto-história do território português. I – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiça (Idade do Ferro). **Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia** (Porto, 1973), 1, p. 125-148.
- PARREIRA, R. (1983) – O cerro dos castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. **O Arqueólogo Português**, S. IV, 1, p. 149-168.
- SCHUBERT, H. (1971) – Acerca de la ceramica del Bronce tardio en el Sur y Oeste peninsular. **Trabajos de Prehistoria**, 28 (separata 32 p.).
- SERRÃO, E. da Cunha (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. **Zephyrus**, 9, (2), p. 177-186.
- SERRÃO E. da Cunha (1959) – Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. **Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia** (Lisboa, 1958), 1, p. 337-359.
- SERRÃO, E. da Cunha (1960) – **Guia do Museu Arqueológico de Sesimbra** (especialmente p. 6). Câmara Municipal de Sesimbra.
- SERRÃO, E. da Cunha (1962) – Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra. **Arqueologia e História**, Série VIII, 9, p. 13-41 (especialmente p. 23-28).
- SERRÃO, E. da Cunha (1964) – Um pequeno museu arqueológico regional. **Arqueologia e História**, S. VIII, 11, p. 105-125 (especialmente p. 118-119).
- SERRÃO, E. da Cunha (1966) – Bronzes de Alfárim e de Pedreiras – Sesimbra. In *Memórias do Abade Henri Breuil*. **Revista da Faculdade de Letras de Lisboa**, 3.ª Série, 10, p. 303-330.
- SERRÃO, E. da Cunha (1968) – A Lapa do Fumo. **Geographics**, 15.
- SERRÃO, E. da Cunha (1970) – As cerâmicas de “retícula brunida” das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo. **Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses** (Lisboa, 1969), 1, p. 273-308.
- SERRÃO, E. da Cunha (1975) – Contribuições arqueológicas do Sudoeste da península de Setúbal. **Setúbal Arqueológica**, 1, p. 199-226 (especialmente p. 214-218).
- SERRÃO, E. da Cunha (1978) – A Lapa do Fumo. In **Aspectos e Métodos da Pré-história, Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto**, 1, p. 25-43 (especialmente p. 35-41)
- SILVA, A. COELHO FERREIRA da (1993) – **A Idade do Bronze em Portugal**. In *Pré-história de Portugal*. Lisboa. Universidade Aberta, p. 239-301.
- SILVA, C. TAVARES da & SOARES J. (1986) – **Arqueologia da Arrábida**. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN). Lisboa.
- SOARES J. & SILVA, C. TAVARES da (1995) – O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular. **Catálogo da Exposição A Idade do Bronze em Portugal**, p. 136-139. Instituto Português de Museus, Lisboa.
- SPINDLER, K; CASTELLO-BRANCO, A. de; FERREIRA, O. da Viegas & ZBYSZEMSKI, G. (1973/74) – Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). **Comunic. Serv. Geol. Port.**, 57, p. 91-154.
- TEJERA-GASPER, A. (1980) – El Bronce Final del Bajo Guadalquivir y su problemática. **Huelva Arqueológica**, 4, p. 181-186.
- VICENTE, E. P. & ANDRADE, G. M. (1971) – A estação arqueológica de Cabeço de Moinhos. Breve notícia. **Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia** (Coimbra, 1970), 1, p. 223-238.
- Legenda das Figuras:**  
**De 1 a 3** – Cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. Coleções do Museu Arqueológico Municipal de Sesimbra, escavações de E. da Cunha Serrão de 1957 a 1960. Desenhos de B. Ferreira (pág. 10).  
**De 1 a 4** – Idem (pág. 11).  
**De 1 a 7** – Idem (pág. 12).  
**De 1 a 5** – Idem (pág. 13).  
**De 1 a 2** – Idem (pág. 14).



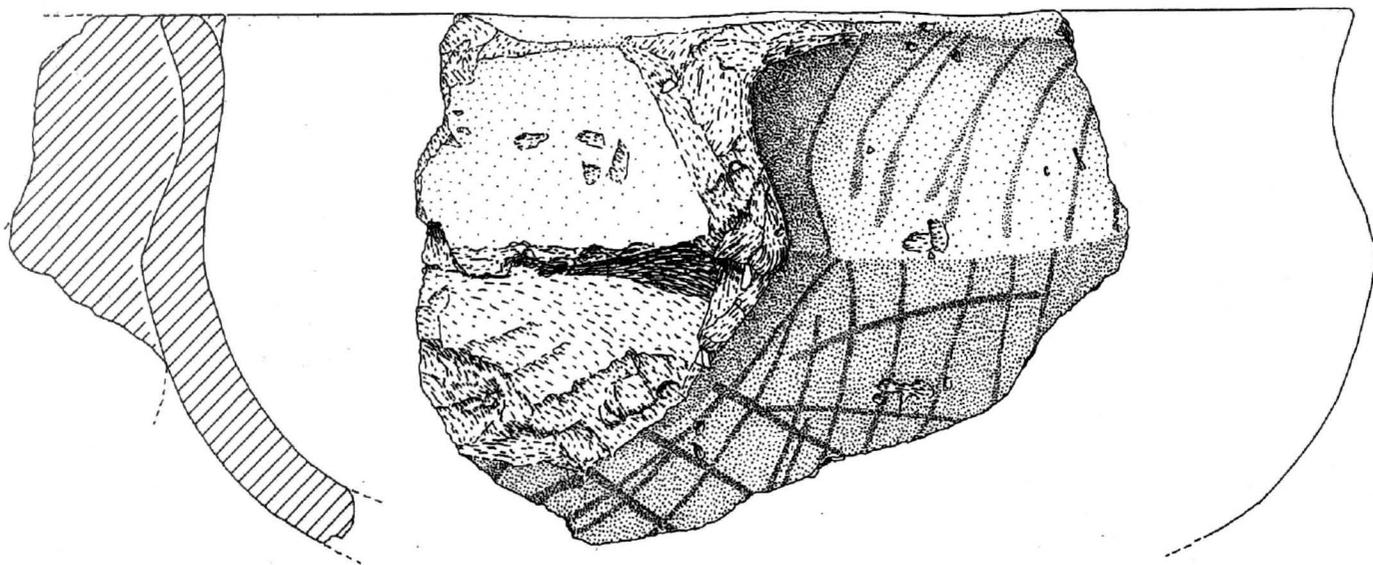
1

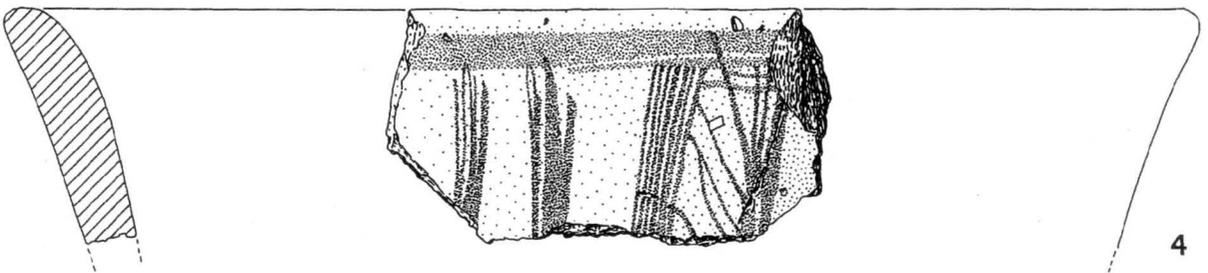
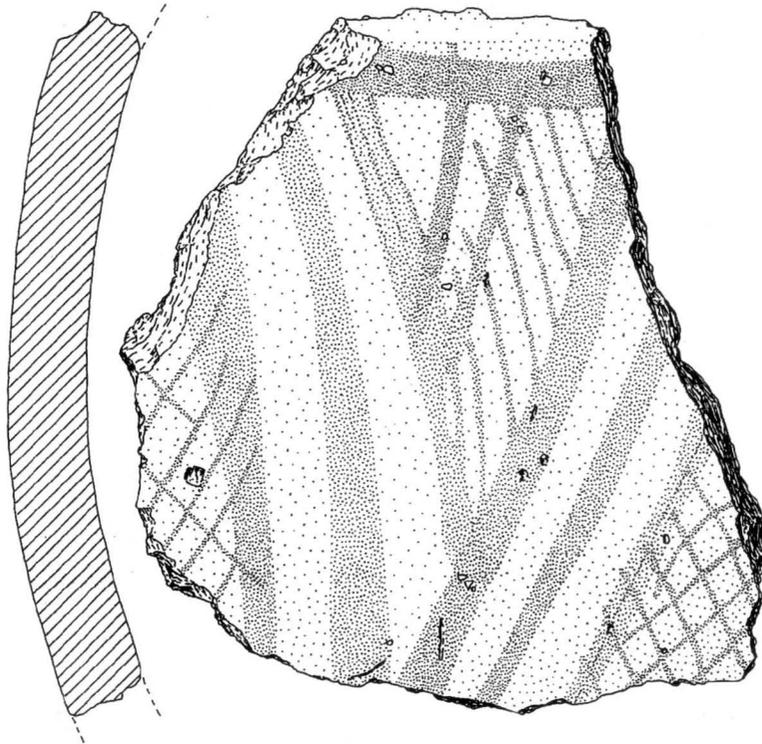
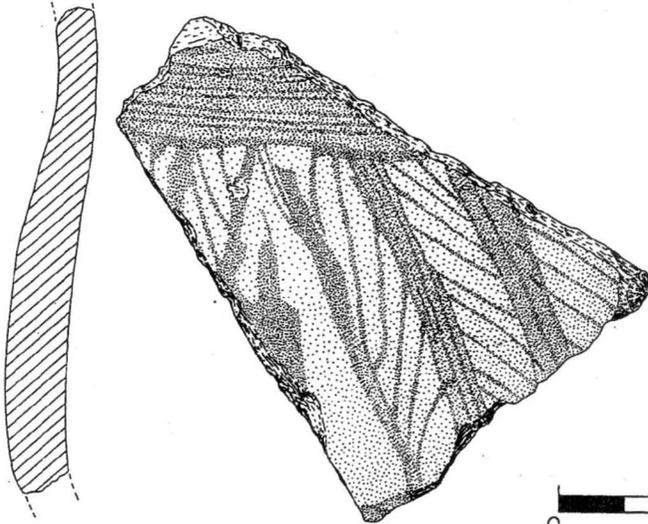
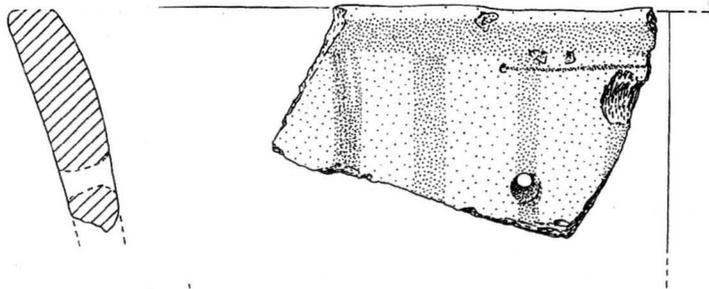


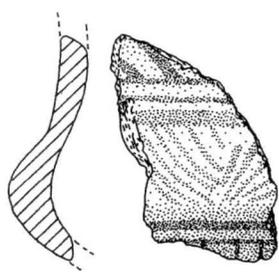
2



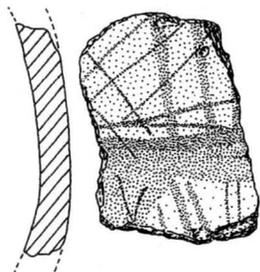
3



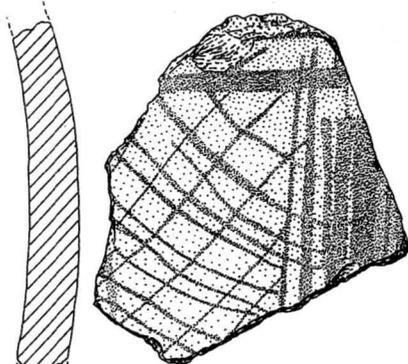




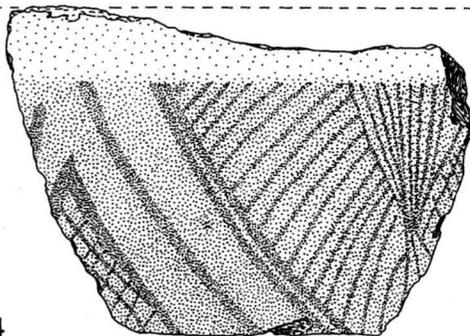
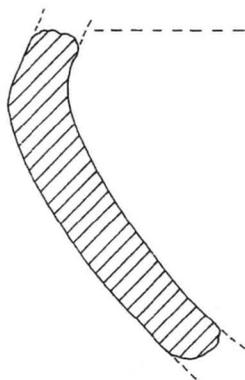
1



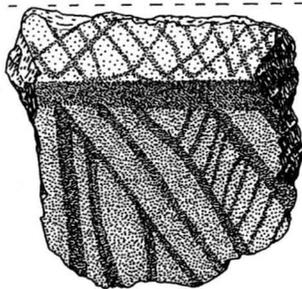
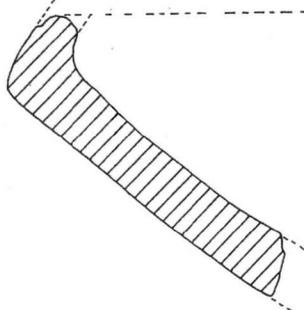
2



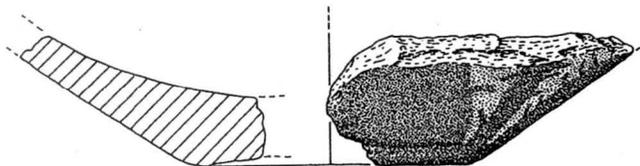
3



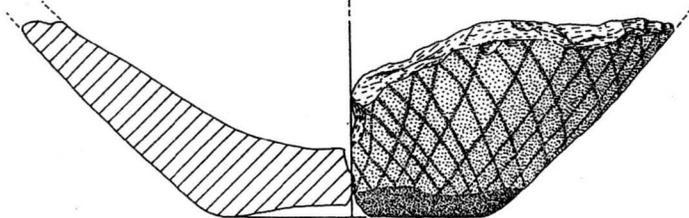
4



5



6



7

